



Profissão Repórter: um Estudo de Mudança de Formato e Trânsito entre Gêneros a partir dos Modos de Endereçamento¹

Marília SILVA²

Renato OSELAME³

Itania Maria Mota GOMES⁴

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Neste artigo, busca-se analisar como o programa *Profissão Repórter* dialoga com os gêneros do telejornalismo e do *reality show*. Também objetiva-se analisar as mudanças de formato que o programa sofreu com o passar dos anos até a sua temporada em 2010, especialmente na transição de um quadro do Fantástico para um programa independente na grade da emissora. Para tal, são utilizados os operadores de análise propostos por Gomes (2007) na análise dos modos de endereçamento de *Profissão Repórter*. Toda a análise é pensada através dos diferentes momentos e eixos do mapa das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2006) a fim de abarcar certos contextos de sua realização e exibição que interessam aqui e trabalhar com o conceito de gênero de uma forma que não seja meramente textual.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; reality show; modo de endereçamento; profissão repórter; gênero televisivo

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos como o *Profissão Repórter*, programa exibido semanalmente pela Rede Globo às terças-feiras, alterou o seu formato na transição de um quadro do Fantástico para um horário independente na grade. Além disso, pretendemos analisar como este programa tensiona dois gêneros televisivos em específico: o telejornalístico e o do *reality show*.

Para tanto, optamos por analisar 18 episódios que datam desde a criação do quadro *Profissão Repórter* no Fantástico, em 2006, até a sua configuração atual – todos os episódios estão listados no Anexo I. Como estratégia para analisar as transformações

¹ Trabalho apresentado no GP de Telejornalismo do IJ 1 – Jornalismo, do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Estudante do 5º semestre do curso de Comunicação com habilitação em Jornalismo da UFBA. mali.moreiras@gmail.com

³ Estudante do 5º semestre do curso de Comunicação com habilitação em Jornalismo da UFBA. renato.oselame@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da FACOM-UFBA, email: itaniagomes@gmail.com



do formato com o passar dos anos, optamos por selecionar episódios que contivessem o mesmo tema ou abordagens similares, a exemplo do “Crack”, que pauta programas em 2007, 2009 e 2010. Além disso, escolhemos episódios em que o *Profissão Repórter* faz apurações internacionais, já que isso provavelmente nos permitirá compreender o quanto o programa se modificou no quesito investimento, com a passagem de quadro do Fantástico para o programa independente – o que nos proporcionará um olhar mais revelador das lógicas de produção que envolvem os “bastidores da notícia”. Nesse sentido, optamos por selecionar especialmente o episódio do dia 27 de abril de 2010, cujo tema é a turnê internacional de Roberto Carlos em Nova York. Tendo em vista a forte relação entre a carreira do cantor e a empresa Globo, acreditamos que analisar esse episódio nos permitirá identificar como o programa atualiza valores jornalísticos como imparcialidade e interesse público.

No processo de análise do corpus selecionado, julgamos importante articular os diferentes elementos que compõem o processo comunicativo. Para isso, optamos por empregar o mapa das mediações proposto por Jesús Martín-Barbero (2006). Em relação às questões de gênero, pretendemos tomar este conceito enquanto categoria cultural, conforme proposto por Jason Mittell (2001). Contudo, para melhor compreender as mudanças de formato do programa com o passar dos anos, pretendemos articular este conceito com a metodologia de análise de telejornalismo a partir do modo de endereçamento, já que este, quando associado

Ao conceito de gênero televisivo deve nos possibilitar entender quais são os formatos e as práticas de recepção solicitadas e historicamente construídas pelos programas jornalísticos televisivos” (GOMES, 2007, p. 20).

Itania Gomes (2007) propõe quatro operadores de análise para o modo de endereçamento: o mediador (apresentadores, repórteres, âncoras, comentaristas e seu vínculo com o programa e o espectador), o contexto comunicativo (as circunstâncias em que o processo comunicativo se dá), o pacto sobre o papel do jornalismo (os acordos tácitos com o espectador acerca da função do jornalismo no programa) e a organização temática (a estruturação de temas no programa).

A escolha dessa metodologia nos permite encarar o jornalismo enquanto instituição social e forma cultural não cristalizada, mas em constante atualização. Por isso, não podemos prescindir de uma análise histórica do gênero, nem da relação que é estabelecida com a sociedade. Isso poderá ser evidenciado através de uma análise que



considere o eixo diacrônico do circuito das mediações, de Martín-Barbero; eixo que articula matrizes culturais aos formatos industriais.

Também julgamos necessário articular mais fortemente o conceito de gênero televisivo com os eixos deste circuito, localizando, como Gomes (2010), esta categoria cultural no centro desse mapa. Isso nos permitirá articular o estudo do gênero televisivo e os elementos do processo comunicativo no nosso objetivo de análise: a compreensão de como o formato de *Profissão Repórter* se alterou no transitar entre quadro do Fantástico e programa independente e de como ele tensiona jornalismo e entretenimento.

Conforme Mittell (2001) e Gomes (2010), optamos por analisar o programa numa abordagem mais contextual, mas também levar em consideração o texto do programa. Afinal, o gênero televisivo pode não estar presente unicamente neste texto, mas o perpassa inevitavelmente, de forma que não podemos prescindir do mesmo para desenvolver uma análise de gênero. Do mesmo modo, empreendemos coletar discursos importantes feitos pelos realizadores e espectadores do programa, como modo de vislumbrar melhor o contexto de como *Profissão Repórter* se oferece ao espectador e como é consumido de fato.

Por fim, optamos por utilizar a metodologia de análise de telejornalismo desenvolvida por Gomes (2007) no âmbito do Grupo de Pesquisa em Análise do Telejornalismo⁵, de forma que possamos, através do seu modo de endereçamento, adentrar e desenvolver uma análise mais profunda de como o programa se estrutura.

TELEJORNALISMO, REALITY SHOW E TRANSFORMAÇÕES DE FORMATO

Quando consideramos o primeiro dos operadores de análise (GOMES, 2007), o mediador, que diz respeito ao modo com o qual os apresentadores (ou repórteres, âncoras, etc) se apresentam para o público e que valores carregam consigo para o programa, observamos que coexistem em *Profissão Repórter* dois principais mediadores⁶. O primeiro deles é a figura do jornalista Caco Barcellos, cuja trajetória de repórter investigativo dota o programa de maior credibilidade. Por ter realizado diversas

⁵ Grupo de Pesquisa coordenado pela Prof^a. Dr^a. Itania Maria Mota Gomes, orientadora deste trabalho, e vinculado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da FACOM-UFBA. <http://www.telejornalismo.facom.ufba.br/>

⁶ Existe outros, como o diretor, mas para o nosso intuito acreditamos que é preciso analisar sobretudo as figuras de Caco Barcellos e dos demais repórteres – pois é através deles, supostamente, que todo o programa é construído.



reportagens de repercussão no país, coberturas de guerra e por estar vinculado profissionalmente à Rede Globo desde 1984⁷, o seu papel como mediador é importante para o programa enquanto produto do gênero telejornalístico – é através de sua figura, em certa medida, que o trabalho de apuração dos demais repórteres de *Profissão Repórter* irá se legitimar. A sua presença no programa também o reafirma enquanto produção jornalística da Rede Globo, uma vez que Caco Barcellos há mais de duas décadas trabalha em programas telejornalísticos da emissora, como o *Globo Repórter* (que também lida com o subgênero da grande reportagem) e o *Jornal Nacional*.

No Orkut, rede social na qual há tópicos de discussão sobre o programa em comunidades, não é difícil encontrar comentários que comprovem a legitimação do programa enquanto telejornalismo levando em conta a figura de Caco Barcellos. Ainda em 2007, quando era apenas um quadro do *Fantástico*, o internauta Cadu Fonseca comentou a presença de Caco Barcellos no programa: “A escolha do nome ‘Caco Barcelos’ é, ao meu ver, importante ao programa: dá credibilidade”.

Em *Profissão Repórter*, contudo, ele não é apenas mais um repórter investigativo. Observamos que ele se posiciona também enquanto narrador, apresentador e mentor. A primeira dessas funções relaciona-se também com a construção do programa enquanto produto telejornalístico, já que a sua narração em voz-off confere legitimidade ao discurso dos demais repórteres – é a sua presença no programa que, em certa medida, garante que o trabalho jornalístico desenvolvido ali é de qualidade. Com o passar dos anos, contudo, evidenciamos que o seu papel enquanto narrador se restringiu. Inicialmente, ele era o responsável por efetuar a maior parte das narrações, mas depois couberam a ele apenas as narrações mais “genéricas”, que orientavam a narrativa do programa. As narrações mais “específicas”, sobre o processo de apuração efetuado por cada dupla, passaram a ser feitas somente por um dos repórteres da dupla.

Em relação aos “jovens repórteres”, ditos inexperientes, relacionamos também o seu papel enquanto mentor, nos momentos em que Caco Barcellos se reúne com eles para discutir as imagens captadas na edição. Essas cenas relacionam-se ao gênero do *reality show*, uma vez que mostram os “bastidores das notícias” – expressão enunciada pelo próprio programa. É neste momento que Caco Barcellos e sua trajetória entram em cena para participarem do processo produtivo das matérias dos demais repórteres: a

⁷ Mais informações sobre a trajetória de Caco Barcellos fora e dentro da Rede Globo, podem ser obtidas em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-258835,00.html>



função dele é analisar a apuração, comentar, sugerir e, supostamente, ensinar – e, nesse processo, legitimar o trabalho jornalístico dos outros repórteres. Na prática, observamos que Caco Barcellos se limita a fazer comentários pontuais (e, muitas vezes, pouco crítico) sobre o que foi visto e perguntas sobre o envolvimento emocional dos repórteres diante dos acontecimentos e dos entrevistados. Esse processo é exemplo claro de como *Profissão Repórter* dialoga com ambos os gêneros: enquanto legitima os repórteres com sua presença e sem questioná-los diretamente sobre o processo de apuração, ele também estabelece uma relação com o *reality show*, ao indagar aspectos da relação emocional dos repórteres com a sua apuração.

Nesse sentido, é importante observarmos que o papel de Caco Barcellos, no que diz respeito à estruturação do programa com elementos do *reality show*, cresceu com o passar dos anos. Em 2007, enquanto o programa ainda era um quadro de dez minutos do *Fantástico*, a sua função era basicamente a de repórter, narrador e, em certa medida, apresentador. Em dez minutos, não era possível desenvolver uma reportagem mais aprofundada e, ainda, apresentar devidamente os “bastidores da reportagem” – ele também sequer dispunha de muito tempo para observar e comentar o trabalho dos demais repórteres. Como consequência, Caco Barcellos pouco se relacionava com os demais repórteres e com os cinegrafistas, de forma que os “bastidores da notícia” eram construídos mais pelos repórteres mais jovens – em suas dificuldades de apuração, vivências pessoais e emoções.

Ainda hoje, são estes repórteres “inexperientes” que formam a segunda mediação do programa, e que fazem com que os dois gêneros dialoguem mais fortemente. Afinal, são eles que, divididos em duplas, realizam o maior trabalho de apuração e de construção da reportagem. São eles também que compartilham emoções, incertezas, problemas com equipamentos e erros de apuração com a câmera (ou seja, o espectador), com os cinegrafistas profissionais, com os entrevistados e com o próprio Caco Barcellos. Para captar esses relatos e emoções, é claro, o programa precisou se estruturar em termos técnicos também enquanto *reality show*. Para isso, cada dupla de repórteres conta com um cinegrafista profissional. É ele o responsável por captar as imagens dos bastidores da notícia, enquanto um dos jovens repórteres deve captar as imagens para a reportagem. Contudo, evidenciamos que a função desse profissional também é a de auxiliar na captação de imagens para a reportagem e funcionar como uma espécie de segurança para o programa e para a Rede Globo na manutenção do “padrão Globo de qualidade” – um exemplo disso é o episódio “Universitários”, exibido



em 20 de abril de 2010, em que o repórter Felipe Suhre enfrenta problemas ao tentar fazer o balanço de branco da câmera e não consegue filmar direito.

Mesmo sendo apresentados como inexperientes, muitos dos “jovens repórteres” já possuíam experiências profissionais antes do programa. No entanto, o *Profissão Repórter* constrói uma estratégia ao veicular esse discurso nas chamadas, na apresentação e no decorrer de todo o programa a fim de sustentar a relação entre entretenimento e informação – o programa se posiciona de forma a ratificar o quão é interessante assistir à rotina profissional de “jovens repórteres” que não têm experiência e enfrentam problemas no fazer jornalístico. Apesar disso, com o passar dos anos de exibição do programa, observamos que a trajetória de alguns deles começou a ter um peso relativo na constituição do programa. Exemplo disso é Caio Cavechini, que possui experiência em trabalhos documentais e que rompe a regra do programa de trabalhar em duplas, para adotar um estilo “câmera na mão”, nos moldes do cinema-verdade de Jean Rouch. Caio produz videorreportagens: é responsável por gravar tanto as imagens utilizadas para a montagem da reportagem quanto as do seu trabalho de apuração enquanto repórter. Evidenciamos, então, que os próprios repórteres compartilham performaticamente o processo de apuração com a câmera, o que torna discutível se o *Profissão Repórter* exhibe mesmo os bastidores de sua produção e se todas as emoções e pormenores da produção da reportagem, compartilhados pelo repórter, são verdadeiros.

O acordo tácito, neste caso, que o programa propõe ao espectador (através da figura de Caco Barcellos, do esforço no processo de apuração, na exibição de partes desse processo etc) é o de que *Profissão Repórter* revela sim o que acontece por detrás de suas câmeras, isto é, daquelas que têm como dever filmar a reportagem. Isso fica claro em discursos como o do *slogan* do programa (“Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem, agora no *Profissão Repórter*”) e os de algumas chamadas em espaços da programação da Globo⁸.

Ao analisarmos mais detidamente o nosso *corpus*, percebemos que embora o programa tente se construir dessa forma através de discursos, ele não é estruturado para isso. Em muitos programas analisados, não é exibida a reunião de pauta para o programa, não são apresentados os motivos que solicitaram a escolha dos repórteres

⁸ Tomamos como exemplo uma chamada de 2006, quando *Profissão Repórter* ainda era um quadro do Fantástico. Nela, fica explícito no discurso de Caco Barcellos a proposta do programa, de apresentar os bastidores da reportagem. O tema da reportagem do episódio sequer é citado. Acreditamos que, nessa etapa, era importante para o quadro atrair público através do entretenimento, de forma que a notícia em si era apresentada em segundo plano. Hoje, no entanto, *Profissão Repórter* se apresenta mais fortemente no tensionamento entre informação e entretenimento. A chamada citada pode ser vista em: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL695769-15605,00.html>



para cobrir o tema ou acontecimento de cada edição, não há acesso a toda a apuração das matérias e não observamos o processo de edição. A partir da ausência de algumas ou todas essas informações em muitos episódios, podemos concluir que *Profissão Repórter* exhibe momentos pontuais da apuração da notícia, mas não mostra os seus bastidores de fato, já que não exhibe para os telespectadores diversos momentos importantes do fazer jornalístico.

Enquanto programa do gênero telejornalístico, observamos que o contexto comunicativo (GOMES, 2007) que *Profissão Repórter* estabelece com o espectador é construído de forma a ressaltar a capacidade que o programa possui, possibilitado pela Rede Globo, de apurar uma notícia, em qualquer lugar do mundo e através de diferentes abordagens (através da atuação de duplas de repórteres). Por ser exibido semanalmente e dispor de cerca de 25 minutos para exibir uma reportagem em profundidade, observamos que o programa também constrói, ao pensarmos no elemento ritualidade do mapa de Martín-Barbero (2006), a expectativa de que o consumidor irá encontrar em cada episódio um tema ou acontecimento de destaque na sociedade brasileira, que será apresentado de forma mais aprofundada, ainda que já tenha sido apresentado em matérias de telejornais da emissora. A apuração do programa também conta com aparelhos de filmagem visivelmente caros, portáteis e de qualidade (para uso dos repórteres “inexperientes”) e a possibilidade de cobrir matérias ao redor do mundo. No episódio especial sobre a final do Brasileirão de 2009⁹, observamos que a apuração se deu em um único dia, em quatro cidades brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba. A cobertura destes jogos, por vezes simultânea, foi ressaltada logo na abertura do episódio, em que cada repórter localiza o estádio onde está. Aqui, é importante ressaltar que coberturas grandiosas como esta são fruto de alguns bons índices de audiência para o horário de exibição conquistados em 2009¹⁰ e, obviamente, pelo fato de *Profissão Repórter* ser um programa independente na grade de programação da Rede Globo – um quadro do Fantástico dificilmente obteria tantos recursos. E, de fato, foi o que evidenciamos na análise de nosso corpus: as primeiras edições, ainda no Fantástico, não demandavam tantos recursos em termos de apuração.

⁹ Episódio exibido em 08/12/2009.

¹⁰ Um gráfico dos índices de audiência mensais de *Profissão Repórter* pode ser visto em: <http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/profissao-reporter-amarga-queda-de-um-quarto-da-audiencia-em-um-ano-20100513.html>. Apesar de estar inserido numa matéria do site da Rede Record, principal concorrente da Rede Globo, os dados do gráfico são do Ibope e podem ser tomados como referência para observar os bons índices de audiência do programa, sobretudo no início de 2009.



Enquanto que, em 2010, o programa fez uma edição especial sobre a Copa do Mundo com apuração em quatro países diferentes.

O que *Profissão Repórter* faz com os recursos de que dispõe também nos permite adentrar na análise do terceiro operador para análise do modo de endereçamento (GOMES, 2007): o pacto sobre o papel do jornalismo. Empregando esse operador, podemos perceber como o programa atualiza uma série de valores do jornalismo, como: imparcialidade, interesse público, factualidade, responsabilidade social, quarto poder etc. E, nesse contexto, podemos perceber o quanto o programa levanta questões sobre a ética jornalística ao utilizar microfones e câmeras escondidas e ao permitir que os jovens repórteres usem disfarces para conseguir informações. Dessa forma, ao mesmo tempo em que afirma que é um programa telejornalístico que vai até onde for necessário para cobrir qualquer assunto de interesse público, ele se propõe a levantar questões de ordem ética¹¹ que envolvam essa cobertura. Embora esses recursos sejam empregados, no geral, para cumprir um papel de vigilância sobre alguns problemas da sociedade (como as filas nos hospitais da rede pública de saúde ou o trabalho dos bóias-frias nas plantações de cana do interior de São Paulo), eles também têm sido utilizados pelo programa em casos menos justificáveis. É exemplo disso o episódio sobre a Copa do Mundo de 2010¹², em que Caio Cavechini planta um microfone escondido no banco de reservas da seleção da Coreia do Norte, num amistoso realizado no México. Para analisar as imagens, ele pede ajuda a dois tradutores, e acaba não encontrando nenhum material relevante. A proposta dele fica clara dentro da reportagem logo em seguida, quando ele apresenta o material coletado para o jogador da seleção brasileira, Robinho, a fim de que ele aprenda alguns “truques” que os jogadores da Coreia do Norte utilizam em campo. Percebe-se, claramente, que o papel de Caio Cavechini foi deslocado para o de um espião a serviço do Brasil – e não de um repórter. Nesse ato, podemos evidenciar um deslocamento do que seria o interesse público no jornalismo e também uma relação que minará a suposta imparcialidade do programa, enquanto produto telejornalístico, no que concerne à cobertura da Copa do Mundo – *Profissão Repórter* está claramente torcendo pela seleção brasileira ou, mais do que isso, trabalhando para ela. Esse episódio também acessa as matrizes culturais dos brasileiros que se relacionam ao

¹¹ Além de levantar essas questões ao tensionar os limites éticos do jornalismo, afirmamos isso tendo em base uma postagem no site oficial do programa, cuja proposta é justamente incentivar a discussão sobre o uso das câmeras escondidas no Jornalismo: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2010/11/o-interesse-publico-legitima-o-uso-de-camera-escondida-por-jornalistas.html>

¹² Exibido em 08/06/2010



futebol e à Copa do Mundo, já que reportagem é construída segundo a lógica maniqueísta da rivalidade entre Brasil e Argentina (e seus principais jogadores, Robinho e Lionel Messi).

No episódio sobre a turnê internacional de Roberto Carlos, também temos o deslocamento de alguns valores jornalísticos. A própria escolha deste tema para o programa já denuncia que a noção de interesse público com qual esta edição do programa dialoga já é outra: a princípio, nada publicamente relevante ocorreu com o cantor, ele apenas está lançando uma turnê internacional comemorativa. A imparcialidade do programa também pode ser questionada, sobretudo se analisarmos a forte relação entre a carreira de Roberto Carlos com a Rede Globo; esta edição assemelha-se mais a um especial que a uma grande reportagem – o que pode ser ratificado até pelas vinhetas de transição dos eixos temáticos compostas, nesta edição, por fotos da carreira de Roberto Carlos. Além disso, Caco Barcellos, que confere o ar de credibilidade e interesse público ao programa devido à sua trajetória, só aparece no fim desta edição, quando D. Laura (mãe de Roberto Carlos) falece.

Outra estratégia que *Profissão Repórter* utiliza, característica de programas como o *A Liga* da Rede Bandeirantes, é forçar os repórteres a “viverem na pele” determinadas situações. No episódio que foi ao ar no Fantástico em 14 de maio de 2006, por exemplo, Nádia Bochi e William Santos receberam como “missão” a tarefa de se disfarçarem de cortadores de cana-de-açúcar para retratar a chegada de alguns destes profissionais para trabalhar no interior de São Paulo. Construir uma notícia através dessa estratégia atualiza valores como o da responsabilidade social do jornalismo – uma vez que os repórteres se inserem em contextos árduos e até mesmo perigosos para denunciar certas situações – e da imparcialidade – o repórter deixa de ser a testemunha ocular da história para participar da notícia como personagem que pode emitir opinião e manifestar emoções.

Esse mesmo tema foi abordado em outra edição do programa, sete meses depois, para apurar o que aconteceu com os mesmos bóias-frias, após a colheita. Aqui, revela-se a serialização, um importante aspecto da organização temática - último operador de análise de modo de endereçamento (GOMES, 2007). Serialização, pois o programa sempre retoma temas já discutidos em edições anteriores. Esse aspecto dialoga fortemente com os valores de quarto poder e responsabilidade social do programa em



temas como o consumo de crack¹³, na medida em que *Profissão Repórter* continua a denunciar certas problemáticas sociais.

Seu horário na grade de programação da Rede Globo também permite que o programa lide com matérias do estilo *hard news* embora coloque o repórter em contato direto com pessoas que têm forte conexão emocional com o tema tratado – o que é uma estratégia de *reality show* para a construção do programa, já que força os repórteres a conviverem com estas pessoas, criarem vínculos e se emocionarem também¹⁴. Mas a localização de *Profissão Repórter* na grade não se dá somente por isso. Pelo contrário, seu horário às noites de terça-feira está relacionado diretamente com hábitos de consumo da recepção que foram criados, sobretudo, por quatro programas: o *Jornal da Globo*, o *Globo Repórter*, *Fantástico* e o *Big Brother Brasil*. Os dois primeiros, por serem do gênero telejornalístico e ocuparem espaços mais tardios na grade de programação (após todas as telenovelas). O terceiro pelo fato de ser uma revista eletrônica e já articular jornalismo e entretenimento. E o *Big Brother Brasil* por ter tornado o gênero do *reality show* um sucesso no país por quase uma década e, tradicionalmente, ter o seu dia mais importante nas noites de terça-feira: o dia da eliminação.

Esses dois processos criaram hábitos de consumo diferenciados, mas que se tornam convergentes ao olharmos para um programa como *Profissão Repórter*. Afinal, ao mesclar informação e entretenimento, o programa pode lidar com ambos os hábitos e reunir um público que, como ele, consiga transitar por ambos os gêneros.

CONCLUSÃO

Partindo da análise elaborada, podemos determinar que, no transitar entre gêneros, os elementos do *reality show* que o *Profissão Repórter* convoca em sua construção não conferem a dimensão totalizante na qual o gênero deve se encontrar. Afinal, mesmo dialogando com estes elementos, o programa se estrutura enquanto

¹³ O tema crack foi abordado em três das dezessete edições analisadas. A primeira em 27 de maio de 2006, outra em 30 de junho de 2009 e a mais recente em 16 de novembro de 2010.

¹⁴ Estratégia esta que ganhou maior destaque na transição de um quadro do *Fantástico* para um programa independente na grade. Os repórteres passaram a ter e a dedicar mais tempo às histórias e ao envolvimento emocional com os entrevistados. Esta estratégia aparece, por exemplo, na edição do Haiti, exibida em 06 de Abril de 2010. O repórter Tiago Jock fala a Caco Barcellos sobre Espera, um haitiano que funcionou como tradutor e guia dos repórteres na cidade de Porto Príncipe: “Eu sei que é complicado para o jornalismo dizer uma coisa dessas, mas na verdade ele se tornou um amigo”. Disponível em:

<http://g1.globo.com/videos/profissao-reporter/v/haiti-bloco1/1243101/#/programas/20100406/page/1>



telejornalismo, do subgênero da grande reportagem. Algumas características ratificam o *Profissão Repórter* enquanto telejornalismo: a trajetória de Caco Barcellos, a estrutura proporcionada pela Rede Globo para coberturas nacionais e internacionais, o duplo papel dos cinegrafistas profissionais (que filmam os jovens repórteres, mas também as matérias), o crescente peso da trajetória de alguns repórteres na construção da reportagem etc. Pelo fato de a ideia dos “bastidores da reportagem” não ser desenvolvida realmente – ou pelo menos não da forma que é enunciada pela produção – também reafirma o gênero telejornalístico como predominante, na medida em que o programa não se estrutura suficientemente para desenvolver um *reality show* – a “realidade” é exibida em alguns momentos. Ao analisarmos as comunidades do Orkut sobre o programa, também evidenciamos que o maior número de tópicos para discussão concerne aos temas das reportagens desenvolvidas, embora alguns membros da comunidade manifestem o desejo de se tornarem jornalistas em tópicos específicos e, portanto, possam ter maior interesse em discutir e encarar o programa enquanto *reality show*.

Já na transição entre formatos, pudemos evidenciar que, com a ampliação do tempo, Caco Barcellos passou a se relacionar mais com os outros repórteres enquanto mentor nos bastidores. O programa também duplicou o seu tempo de exibição, o que lhe possibilitaria abordagens mais aprofundadas, em geral vinculadas ao relato pessoal e emocionado de entrevistados. As possibilidades técnicas do programa também se ampliaram na passagem e no reconhecimento enquanto programa independente e com índices de audiência relevantes. E, por fim, evidenciamos que o programa, que se anunciava, em 2006, através da perspectiva do entretenimento, agora se afirma mais enquanto produto telejornalístico.

REFERÊNCIAS

GOMES, Itania Maria Mota. **Metodologia de Análise de Telejornalismo (II)**: Um protocolo de análise de gênero televisivo como categoria cultural. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq – Produtividade em pesquisa 2012/2015. Salvador, 2010.

_____. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise in **Revista e-compos**, edição 8, abril de 2007, Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/126/126>

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pistas para entre-ver meios e mediações in MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, Cultura e Hegemonia, 4ª, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2006, p. 11-21;



MITTELL, Jason. “A cultural approach to television genre” in **Cinema Journal**, 40, nº3, Spring 2001, p. 01 - 24;

ANEXO I – Lista de edições que compõem o *corpus*

Um desafio na colheita de cana - 14 de Maio de 2006

O destino dos bóias-frias - 03 de Dezembro de 2006

Obsessão pela beleza - 20 de Maio de 2007

O aumento de viciados em Crack - 27 de Maio de 2007

Corinthians: o drama do rebaixamento - 02 de Dezembro de 2007

Dois universos do Futebol - 10 de Junho de 2008

Tragédia em Santa Catarina – 02 de Dezembro de 2009

Crack - 30 de Junho de 2009

Brasileirão – 01 de Dezembro de 2009

Final do Brasileirão - 08 de Dezembro de 2009

Haiti – 06 de Abril de 2010

Chuvas no Rio - 13 de Abril de 2010

Universitários – 20 de Abril de 2010

Roberto Carlos - 27 de Abril de 2010

Copa do Mundo - 08 de Junho de 2010

Chuvas no Nordeste - 29 de Junho de 2010

Chile - 19 de Outubro de 2010

Crack - 16 de Novembro de 2010